

SALA DE ÁREAS: A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NA BRINCADEIRA

Aline Jaislane de Souza TAVARES¹

Resumo

Tem-se por intuito descrever a implementação do Projeto de Intervenção realizado em uma creche no bairro do Pontal da Barra, durante o segundo semestre de 2014, no Estágio Supervisionado. O tema escolhido teve por objetivo dar continuidade à implementação de uma sala de áreas fundamentada na abordagem High/Scope, iniciada no semestre anterior, visando reorganizar a sala de áreas já existente na creche, promovendo o brincar e a aprendizagem ativa. O currículo High/Scope tem uma premissa básica fundamentada na ideia de que o conhecimento é construído pelo sujeito na interação com o meio físico e humano, assim, toda interação da criança deve ser valorizada e possibilitada por meio de uma organização do espaço e do tempo, ampliando suas ideias e ressignificando o desenvolvimento infantil. (HADDAD, 2004). O desenvolvimento do projeto ocorreu em três etapas: análise da situação, reorganização do espaço físico e implementação do planejar-fazer-rever. Esse projeto de intervenção significou muito para nossa formação no que diz respeito à educação infantil, pois podemos analisar o significado que se dá a brincadeira. Acreditamos ter atingido os objetivos iniciais, pois reorganizamos a sala de áreas proporcionando mais materiais para as brincadeiras das crianças, possibilitamos a comunicação na hora do planejar e do rever, passamos confiança em suas atitudes para se sentirem mais capazes e auxiliamos na concretização dos seus sonhos por meio de um espaço diverso.

Palavras-chaves: High/Scope; Brincar; Aprendizagem ativa.

INTRODUÇÃO

Temos como objetivo relatar o Projeto de Intervenção realizado durante o segundo semestre de 2014. O projeto foi implementado numa creche-escola localizada no bairro do Pontal da Barra, na cidade de Maceió, Alagoas, com a turma do maternal II integral. O tema escolhido deu continuidade à implementação de uma sala de áreas fundamentada na abordagem High/Scope, iniciada por duas equipes de estagiárias do semestre anterior, visando

¹Estudante de Pós-graduação em Libras da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, alinetavares285@gmail.com.

reorganizar a sala de áreas já existente na escola, promovendo o brincar e a aprendizagem ativa.

O currículo High/Scope tem uma premissa básica fundamentada na ideia de que o conhecimento é construído pelo sujeito na interação com o meio físico e humano, assim, toda interação da criança deve ser valorizada e possibilitada por meio de uma organização do espaço e do tempo, ampliando suas ideias e ressignificando o desenvolvimento infantil. (HADDAD, 2004).

Na abordagem High/Scope existe uma organização curricular denominada "Roda da Aprendizagem", criada por Hohmann e Weikart (1997) que tem como princípio a aprendizagem pela ação e os demais componentes são coerentes com esse princípio: a interação adulto-criança, ambiente de aprendizagem, rotina diária e avaliação.

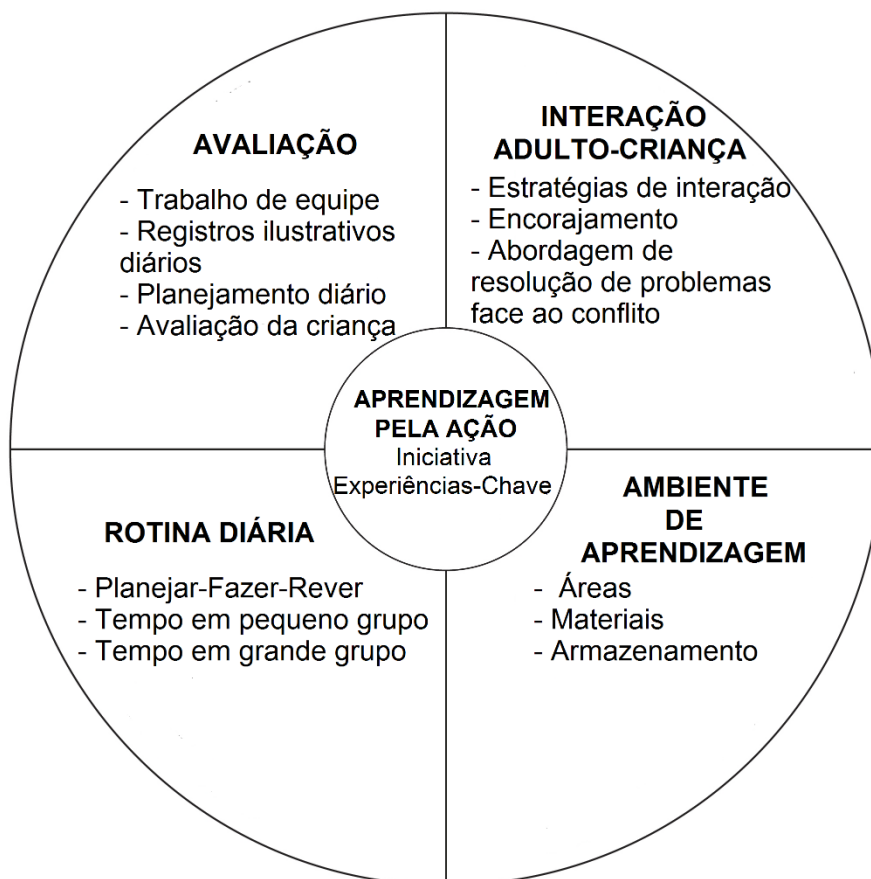


Imagem 1 – Roda da aprendizagem
(Fonte:A autora. Adaptado de HOHMANN; WEIKART, 1997, p. 14)

A aprendizagem ativa ou aprendizagem pela ação é uma condição necessária para a reestruturação cognitiva e para o desenvolvimento a partir da experiência direta e imediata de objetos, pessoas, ideias e conhecimentos. (HOHMANN; WEIKART, 1997).

O adulto, como um observador participante deve possibilitar que a criança crie seus próprios conceitos e atividades a partir do que ouve, vê, sente e manipula, envolvendo-as em experiências que possam produzir novas ações em seu ambiente.

Uma das especificidades dos programas baseados na aprendizagem pela ação são as múltiplas oportunidades que eles oferecem às crianças para que possam fazer escolhas. As crianças pequenas são perfeitamente capazes - e estão desejosas - de escolher os materiais e de decidir como os vão utilizar. Muitos dos materiais são novos para elas, por isso é frequente que os não usem nas funções para que foram feitos. Em vez disso, as crianças põem em ação as suas potencialidades inventivas e de criação, manipulando os materiais de acordo com os seus próprios interesses e capacidades. (HOHMANN; WEIKART, 1997, p. 35).

Na concepção dessa abordagem, a rotina diária possibilita à criança saber, seguir e compreender uma sequência de acontecimentos. Nesse sentido, todas as crianças têm a oportunidade de escolher e/ou produzir o caminho a qual vai ser seguido no dia-a-dia em suas práticas. É nessa rotina diária que o adulto vai oferecer às crianças um ambiente onde elas possam desenvolver suas potencialidades, seus interesses e mediar a resolução de conflitos interpessoais.

Já a avaliação ocorre num conjunto de tarefas que o adulto proporciona para observar as crianças, interagir com elas e planejar toda a sua ação. A partir do momento em que o adulto está no espaço das crianças como observador, deixa de ser apenas observador para se tornar observador participante, registrando tudo aquilo que vê e ouve nas atividades realizadas pelas crianças.

Contrastando com as abordagens educacionais sistemáticas, a que estamos habituados, o método americano High/Scope, também conhecido como “a criança em ação” em Portugal, pode ser caracterizado por suas práticas pedagógicas se basearem no construtivismo de Jean Piaget, que tem o diferencial de permitir a criança construir suas próprias brincadeiras, não atendendo aos interesses do adulto, e sim, apenas as suas vontades. O adulto não vai limitar as escolhas e os espaços da criança, mas sim mediar, auxiliar, acompanhar e/ou ajudar no que for preciso em suas interações.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), a brincadeira, ao lado das interações, constitui o eixo da proposta pedagógica e curricular das instituições da Educação Infantil, porém, é sabido que nem sempre acontece de tal forma.

É necessário que se oportunize um espaço adequado para a criança realizar suas brincadeiras e ressignificar suas ações. É importante que a criança encontre a liberdade para realizar seus interesses, modificá-los de acordo com a necessidade que vê no ambiente e na atividade que realiza. Ou seja, é propiciar desde um ambiente rico em possibilidades de brincadeiras e ações até condições de uso do material e do espaço disponível.

Segundo Kishimoto, "o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização" (KISHIMOTO, 2009, p. 18). Assim, não é preciso que a criança veja um brinquedo de determinada forma e trabalhe com ele a partir do que é considerado como sua função. O brinquedo e a brincadeira devem dar possibilidade e liberdade de a criança planejar sua ação, revê-la e refazê-la, determinando para ela o que faz sentido, o que se faz mais interessante, podendo ser modificado a qualquer momento.

Como foi dito anteriormente e segundo as Diretrizes Curriculares (2009), a brincadeira ocupa lugar importante nas instituições de educação infantil e se faz necessária para o desenvolvimento da criança em suas várias etapas. Assim, por mais que o adulto tenha uma imagem de brincadeira e de brinquedo, esse não pode interferir plenamente com suas concepções no que diz respeito as atividades da criança; por mais que se tenha um conjunto de valores, ele não pode impor suas percepções no que diz respeito ao momento da criança.

O nosso projeto, baseado nessa concepção de brincadeira contida na abordagem educativa High/Scope, buscou reorganizar um espaço em suas áreas específicas e observar como avaliação subsequente do que foi feito, o que as crianças fazem e produzem nessas áreas.

O processo realizado na rotina diária da abordagem High/Scope é a sequência planejar-fazer-rever, o que possibilita a aprendizagem pela ação. O planejar consiste no momento em que as crianças relatam suas intenções e vontades, através de palavras e/ou gestos, dependendo da idade, como um plano de ação, o que elas realizarão na sala de áreas. Por meio do planejar, a criança desenvolve a linguagem e sua imaginação, no momento em

que ela mesma e o outro relatam suas futuras ações. Cabe ao adulto fornecer materiais e experiências para que as crianças se mantenham interessadas no período de planejamento.

Seguindo a sequência, após o planejar, a criança tem o tempo de trabalho. Nesse instante, a criança tem a oportunidade de concretizar as suas intenções, de por em prática seu planejamento e também de iniciar atividades não planejadas. Os adultos presentes devem interagir com as crianças de forma que as apoiem sem interferir, com tal atitude o adulto promove o desenvolvimento do sentido de iniciativa das crianças. Diferentemente se não recebessem apoio algum, pois se sentiriam frustradas e culpadas, resultando na diminuição da frequência de realizar suas brincadeiras. No final do "fazer", as crianças arrumam os materiais utilizados.

Após essa etapa, é feito o processo de revisão, em que as crianças compartilham e refletem sobre suas ações realizadas no tempo de trabalho.

Sala de áreas: a influência do espaço na brincadeira

O Projeto de Intervenção foi realizado na sala de áreas com duas turmas do maternal II, crianças entre 3 e 4 anos. O projeto foi realizado no período de 8 de outubro a 19 de novembro de 2014, nas manhãs de quarta e quinta, totalizando 12 sessões, estas divididas em três etapas: análise da situação, reorganização do espaço físico e implementação do planejar-fazer-rever. Primeiramente, foi apresentado o Projeto de Intervenção à equipe pedagógica da instituição, e em seguida realizou-se uma análise da situação do espaço, ou seja, observou-se os materiais que já constavam na sala de áreas e os que estavam em falta, para fazer as alterações necessárias.

Após a análise, fizemos a reorganização do espaço físico. Responsabilizamo-nos pela reorganização da área de arte e da área de leitura e escrita. Planejamos levar materiais mais diversos para a área de arte, além do giz de cera, rolos de papel higiênico e pincéis, incrementamos com esponjas, papel alumínio, argila, tintas, massa de modelar, cola e lixas, para que as crianças conhecessem outros tipos de texturas. Já na área de leitura e escrita, aumentamos o acervo de livros e fantoches. Além das duas áreas mencionadas, a sala também continha o espaço da fantasia e um cômodo da casa, a cozinha.

Com a reorganização da sala de áreas, foi feita a familiarização da turma com os novos objetos da sala, e assim, demos início ao planejar-fazer-rever. Na fase do planejar, as crianças relataram suas intenções, seus planejamentos e suas vontades a serem realizadas na sala de áreas. Para isso, elas participaram de algumas dinâmicas propostas pelo grupo, como: a “Bola maluca”, na qual as crianças sentaram-se em círculo e utilizando uma bola, elas começaram a passá-la de mão em mão. Durante esse processo, quando o adulto dissesse “PARE!”, a criança que estava com a bola nas mãos contava seus planos de brincadeira; a outra dinâmica foi o “Saco dos nomes”, em que foram colocados os nomes de todas as crianças dentro do saco. Cada uma retirava um nome sem olhar e esse escolhido equivalia a criança que iria planejar. Ao terminar, a criança que contou seus planos retirava o nome da próxima, e assim por diante; foi realizado também o “Passa anel”, em que o adulto com o anel nas duas mãos fechadas passava-o para uma criança e ela falava os seus planos, em seguida, ela fazia o mesmo que o adulto, passava o anel para uma outra criança, e essa criança também relatava seus planos, e assim, sucessivamente. Durante o passar do anel, as crianças cantavam a música do “Perdi meu anel no mar”². “Toca o telefone” consistiu na utilização de dois telefones, um com o adulto e um com uma criança. O adulto telefonava para a criança, e na ligação ela relatava suas futuras ações. Ao final do telefonema, a criança passava o telefone para uma outra, e assim, até que todas tenham dito seus planejamentos.

Em seguida, as crianças colocaram em prática suas ações planejadas e até mesmo ações não planejadas, pois, durante as brincadeiras, elas realizavam ações antes não comentadas durante o planejar. E, por fim, foram feitas reflexões acerca das atividades realizadas durante o tempo de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período que estivemos na creche-escola, nos foi possibilitada a oportunidade de trabalhar a abordagem High/Scope, método educacional americano que aborda o sujeito como o principal responsável pelo seu conhecimento por meio da interação

²Música “Perdi meu anel no mar” de Bia Bedran. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LYPBmXWD6WU>>.

com o meio físico e humano, o que nos oportunizou experienciar novas práticas pedagógicas na educação infantil.

A infância carrega em si uma imagem de inocência, de algo primitivo e em constante processo de formação e transformação. Porém, não se pode acreditar que isso limita todo o aprendizado da criança ou dizer que o mesmo não ocorre ou ainda, não abarca os conhecimentos prévios e sociais que contemplam a realidade da criança. Deve-se então partir da premissa que a criança constrói seu processo de aprendizado, que ela ressignifica suas ações, modifica seu espaço de acordo com suas necessidades e mais ainda, interfere e é o principal responsável pelo que faz em suas ações a partir do que já sabe, vê e ouve.

Nas primeiras sessões da intervenção foi observado a timidez e a vergonha no momento do planejar, a dependência das crianças, o “querer ajuda”, uma certa dúvida do que poderia ou não ser feito naquele espaço e com os materiais, na fase do fazer, e o interesse por apenas uma área da sala. Com o passar das sessões, chegamos a conclusão de que possibilitando a confiança em suas atitudes para se sentirem mais capazes na concretização dos seus sonhos por meio do espaço, conseguimos o avanço delas, onde as crianças se demonstraram habituadas a falar o que pretendiam brincar, exploraram mais todas as áreas e manifestaram sua imaginação, construindo histórias de viagens e aventuras.

Concluiu-se também que a maior dificuldade esteve sempre no fim de cada sessão, no momento de arrumar a sala e fazer a roda de conversa novamente, no caso, o rever as ações planejadas inicialmente, pois as crianças não queriam encerrar as brincadeiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer 01/1999, aprovado em 11 de novembro de 2009.

HADDAD, Lenira. Abordagem High/Scope: quatro décadas de tradição e inovação. **Pátio Educação Infantil.** ano II, n. 5, ago/nov 2004.

HADDAD, Lenira. A brincadeira da criança para Gilles Brougère: suas características e seu lugar na Educação Infantil. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda; PALMA, Rute Cristina Domingos; CARVALHO, Sandra Pavoeiro Tavares. (Org.). **Processos e práticas na formação de professores da Educação Infantil.** Cuiabá: EduFMT, 2013, p. 113-126.

HOHMANN, Mary; WEIKART, David P. A abordagem High/Scope para a educação pré-escolar. In: _____. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997. p. 1 - 14.

_____. A aprendizagem pela acção: como as crianças constroem o conhecimento. In: _____. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997. p. 17 - 61.

_____. Arranjo, organização e equipamento dos espaços destinados às crianças em acção. In: _____. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997. p. 161 - 220.

_____. A rotina diária da abordagem High/Scope - um enquadramento para a aprendizagem pela acção. In: _____. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997. p. 223 - 244.

_____. O processo de planejar-fazer-rever característico da abordagem High/Scope. In: _____. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997. p. 247 - 367.

_____. Roda da aprendizagem. In: _____. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1997. p. 14. 1 imagem.

KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. In: _____. **Jogo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 13 - 41.